



CONVERSA COM O PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA RELATOS DE UM MATEMÁTICO SINGULAR.

ANA MENDES

POLITÉCNICO DE LEIRIA
aimendes@ipleiria.pt

E escolheu matemática porque na época as escolhas não eram muitas e considera que foi um aluno “muito irregular”. Num tempo em que “ir estudar” era uma exceção, acabou por vencer as condicionantes do contexto português da primeira metade do século XX. Falamos do Professor José Vitória e as suas memórias são o testemunho vivo do que significa ser professor e matemático. Aposentado da Universidade de Coimbra, começou a sua carreira académica em Lourenço Marques, passou por França e, até, pela Coreia do Norte.

Escolhi conversar com o Professor José Vitória porque é para mim uma pessoa singular. A sua educação, a sua simpatia e o seu reconhecimento pelo outro não

deixam ninguém indiferente.

Nesta conversa emerge um contador de histórias. Tantas que, infelizmente, não é possível integrá-las todas neste espaço limitado da *Gazeta*. Com esta conversa esperamos começar a “levantar o véu” sobre as suas muitas memórias, a sua vida e o seu percurso como matemático português, ao longo de quase meio século. Num século marcado por tanta evolução social e tecnológica, a sua experiência e a sua sabedoria não podem deixar de ser partilhadas. Com 82 anos, está mais produtivo cientificamente do que nunca e continua muito atento ao que se passa à sua volta, mantendo-se informado pela leitura diária dos jornais *The Guardian* e *Le Monde*.

ANA MENDES Professor José Vitória, como foi o seu encontro com a matemática?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA O meu percurso é um percurso atípico porque eu venho de uma aldeia, de Abrantes, onde não existia luz elétrica e até à 4.ª classe não havia alguma hipótese de futuro. Fui criado com os meus avós paternos que discutiam a minha ida para o seminário do Gavião, por causa do enxoval. Mas eu não tinha vocação e a ideia de os padres não se casarem incomodava-me. No entanto, surgiu o Colégio de Alvega. No primeiro ano, andei sozinho. Depois foram os meus primos. Durante cinco anos fazíamos a pé mais de 6 km, para cada lado, todos os dias, inclusive aos sábados. Estudávamos no chamado curso de explicações, porque era proibido ter aulas, tendo sido preparados para todos os exames de admissão ao liceu e do 1.º ao 4.º ano por um médico e um profes-

sor de Letras. Todos os exames de admissão e do 1.º ao 5.º ano foram realizados em Castelo Branco. Depois, a seguir ao 5.º ano de liceu, era preciso sair dali e ter meios, pois só havia 6.º e 7.º anos nas capitais de distrito. Acabei por ficar um ano em casa. No ano seguinte fui para o Colégio de Tomar, onde fiz num ano o 6.º e 7.º anos. Fiz exame em Castelo Branco com boas notas. A ideia em minha casa era que eu fosse para Medicina, mas eu, Medicina não era capaz. Não sou capaz de lidar com a saúde, nem com a doença nem com a morte, não fui capaz, nunca. Então comecei a ver, fui para Matemática por exclusão de partes. Na altura, a gente tinha poucas vocações. E vim para Coimbra porque o meu pai também estudou em Coimbra e arranjou-me uma pensão chamada Astória da Alta.

ANA MENDES E o que tinha estudado o seu pai em Coimbra?



Momentos da vida académica em Coimbra

1. Tomada da Bastilha 1959
2. Queima das Fitas 1961
3. Formatura 1962

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA O meu pai já tinha estudado em Coimbra e ingressou num curso voluntário de Letras na mesma época que eu. Da parte do meu avô paterno eram todos artífices, com oficinas, da parte da minha avó eram lavradores.

ANA MENDES Em que ano chegou a Coimbra?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Cheguei a Coimbra no ano

académico de 1957-1958. Mas só cheguei em novembro, porque houve a chamada “gripe asiática” e eu fiquei “de molho”. Impressionaram-me dois professores, Manuel Esparteiro, porque metia medo, e um excelente professor que era Pereira Dias, um professor notável de Geometria.

ANA MENDES Nessa altura existia uma formação transversal, ou seja, quando vinham para aqui estudar os temas eram comuns aos cursos de engenharias...



15º Centenário da República Palácio da Loucura, 17 de fevereiro de 1962

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA As Matemáticas Gerais e o Cálculo eram para toda a gente. Só escapavam alguns, como Biologia ou Geologia. Depois havia o Desenho no primeiro ano, com Luís Albuquerque, e o Desenho de Máquinas, uma cadeira temível de segundo ano, com Simões da Silva, que era muito rigoroso. Luís Albuquerque era da idade do meu pai, tinha 40 anos e falava muito com os alunos. Fiquei a saber depois de me ter aposentado que ele dizia que era pena eu ser um grande preguiçoso e não estudar Matemática. Dizia que eu tinha muitas qualidades e gostou sempre de mim. As aulas de Manuel Esparteiro eram a uma velocidade estonteante. Na altura só se podia avaliar o que fosse exposto, então quando tocava o badalo da cabra ele deixava cair o giz e terminava a aula. Já Pereira Dias fazia uns desenhos incríveis só com o giz branco a ponteados, dois pontos e tracinho construindo sólidos e superfícies.

Mesmo tendo iniciado tarde, tirei 16 a Geometria e 14 na primeira frequência de Química. Entretanto, comecei a apreciar a “liberdade”, andei na rua e vi-me aflito para fazer as cadeiras de Manuel Esparteiro. Fiz um curso muito irregular. Eu estudava, mas estudava fora de horas. Consequentemente, só com Pacheco de Amorim em Mecânica Racional e Geometria é que tive boas notas, isto porque havia um livro onde eu podia estudar fora de horas.

ANA MENDES E como geria a sua vida académica, nesses anos?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Como disse, foi um percurso muito irregular. Eu entrei aqui em 57, passei um ano na tal pensão. No ano seguinte, fui para a república Palácio da Loucura e aí foi um descalabro.

Aquilo era tudo gente muito mais velha do que eu. Para mim foi muito bom porque me fez amadurecer. Eu estudava sempre fora, principalmente com quatro colegas (Télio, Serote, Chaves e Fonseca) que eram mais velhos do que eu, e que já tinham feito a tropa, portanto queriam formar-se. Iam às aulas da manhã e de tarde passávamos os apontamentos a limpo e estudávamos assim. Mas faltávamos muito. É claro, os bons alunos iam às aulas e não faltavam.

As cadeiras anuais eram as que eu deixava para a época de outubro. Depois ia para casa da minha avó e estudava de sol a sol porque não havia luz elétrica. E estudava em voz alta, como treino para as longas provas orais. Eu era para me formar em 61, mas acabei por chumbar na última cadeira com Manuel dos Reis.

ANA MENDES Reprovou por que razão?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Não era demérito meu, nem dos colegas que reprovavam na prova escrita, mas da cadeira de Mecânica Celeste! Manuel dos Reis ensinava muito bem, mas faltava muito. As orais eram temíveis! Todos os anos ameaçava incluir no programa o problema dos três corpos, o que nos assustava. Nas aulas práticas, nós estudávamos por ano cinco ou seis objetos celestes.

Havia, para cada objeto, a chamada “marcha” (aquilo a que chamaríamos hoje algoritmo) com os itens a tomar em consideração. Como apoio, tínhamos as *Efemérides Astronômicas*, editadas pelo Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra. Com base nas *Efemérides*, ao longo da referida marcha, tínhamos de calcular logarithmos com sete casas decimais. No último item seria obtida a posição do objeto celeste na data pretendida, possibilitando ao observador saber o azimute e a altura a que o objeto deveria surgir caso se observasse através do instrumento. Como consequência dos nossos erros, o objeto nunca era encontrado nas coordenadas previstas. Eu errei muito as contas, daí a reprovação. Foi um ano intenso!

Foi, também, o ano anterior à crise académica, de greves e coisas complicadas!

ANA MENDES Como foi a sua vivência na crise académica?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA As Assembleias Magnas realizavam-se no pátio do Palácio dos Grilos, com os de “direita” ao fundo do pátio e os de “esquerda” na frente. As assembleias faziam-se quase às escuras, mas a mesa conseguia contar os votos – não sei como – e dizer que os da esquerda eram muito mais do que o dobro dos da direita. Estas assembleias demoravam muito tempo. O Carlos Candal, presidente da Associação Académica em 1960-61, tentava acalmar as massas e havia os colegas, junto à mesa, que apresentavam as moções, mas eu nunca tive jeito para isso. Ficava mais atrás.

Foi uma época muito agitada e, no ano seguinte, com muitas mudanças de presidentes da Associação Académica porque os mandavam sucessivamente para a tropa. Em 1961-62, acabou por ficar à frente da direção da Associação Académica o José Augusto Rocha, que era muito combativo e empolgava as assembleias.

Até que proibiram o Dia do Estudante. Então convocámos uma assembleia para declarar o luto académico. Vários colegas permaneceram no Palácio dos Grilos a compor o texto a ser distribuído na madrugada seguinte. Eu e Custódio ficámos encarregados de distribuir os panfletos. O Custódio ficou com a Praça da República e eu fiquei com a Porta Férrea.

No dia seguinte fui para as aulas da manhã muito cedo e comecei a distribuir os panfletos. Até que apareceu um chefe da polícia, o chefe Carlos, num carro com mais dois ou três polícias. Nessa altura ouvi dizer: fuja, fuja! E fugi!

Disfarcei e fiquei junto a um dos portões a fazer de conta que estava a ver os avisos e editais. Só que o chefe Carlos entrou lá, mostrou-me a pistola e prendeu-me.

ANA MENDES Estava dentro da Porta Férrea e foi preso. Pode contar-me o episódio?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Qual era a lei na altura? A polícia não podia entrar na universidade. Pensava eu que essa era a minha segurança. O guarda-mor que estava a acabar de abrir o portão de dentro, viu-me prender e ficou danado. Foi dizer ao reitor que ficou danado, que disse ao ministro da Educação que ficou danado que por sua vez disse ao ministro do Interior. Então qual foi o desenvolvimento? Fui parar à cadeia!

O meu colega Custódio, que se formou em Medicina, foi também preso na Praça da República e acabámos por dormir agarrados aos panfletos pois já não dormíamos há dois dias. Queria era dormir! As nossas caras de mal dormir estão todas documentadas em fotografias nos arquivos da PIDE em Lisboa.

Mais tarde, levaram-me para a PIDE, onde almocei. Depois, começaram o interrogatório pelo meu amigo Custódio, que dizia que se lhe tocassem os partia a todos! Eu dizia-lhe para ter calma. Enquanto acontecia o interrogatório do Custódio, eu ouvia muito barulho e fiquei assustado, pensando que estavam a dar cabo do rapaz. Quando foi a minha vez, declarei: “Não estamos a fazer greve, estamos em luto académico! A Assembleia Magna é soberana!” etc... Aquelas coisas que aprendíamos na altura. Entretanto fomos chamados ao Sacchetti, diretor da PIDE de Coimbra, que, pelas dez horas da noite, acabou por nos soltar.

ANA MENDES E depois de libertados, ganharam juízo?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Nada disso! Montámos uma festa na república e às seis da manhã estava eu pendurado em dois colegas, num grupo de estudantes cansados e determinados, em frente da esquadra a chamar fascistas à polícia que já estava de capacete e metralhadora em punho, porque já havia guerra!

Entretanto aconteceu a Tomada da Associação Académica, a 10 de maio, onde a população nos trazia a comida. Ficamos lá uma noite ou duas e depois foi um grupo de professores negociar.

Acrise académica de 62 está muito bem descrita num trabalho de Garrido, atual diretor da Faculdade de Economia.

ANA MENDES Soube que nessa altura teve um acidente. Como foi?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA A 17 de maio houve nova tomada da Associação Académica. Não sei como conseguimos lá entrar. As janelas estavam todas pregadas. Havia confusão e entusiasmo. Eu fiquei no Museu Académico, cujas janelas dão para a Rua José Falcão. Havia um sino rachado da torre montado num cavalete. Um colega manejava o badalo vigorosamente. Eu, através das frinchas da janela, estava a contar os polícias, comandados pelo capitão Veiga Simão, e tinha o pé esquerdo debaixo do tal sino. O sino despegou-se do cavalete e esmagou-me quatro dedos. Um deles foi-me amputado no hospital.

Estava lá um colega meu da república que me diz: “Pá, tens de ir embora!” Eu lá saí pela escada, onde já estava a polícia de choque a fechar aquilo para não sair ninguém, mas a mim deixaram-me sair. Apanhei um táxi, logo ali na Sé Velha, e fui para o hospital. Saí ladeado por um amigo da república, João Goulão, e por um outro rapaz, o Barros Madeira, que é médico no Algarve. Um homem grande e que cantava muito bem!

Tanto eu como o Barros Madeira teríamos sido presos, como aconteceu aos colegas que lá estavam dentro, se não tivéssemos saído antes de a polícia bloquear o edifício. Eram dois cursos que não se acabavam nesse ano!

Estive um mês no hospital e estudei para finalmente fazer Mecânica Celeste. Tive boa nota! Quinze dias depois estava na tropa. Não havia hipótese de escapar.

ANA MENDES E como foi esse processo de adiar a tropa?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Na tropa, eu tinha adiamento até 63, mas em 62 lá fui. A partir do momento em que entrei no radar da PIDE, começaram a perguntar por mim. Como eu nasci em Lisboa, a princípio não me encontravam, mas quando chegaram a Abrantes tive de ir. Ainda me doía o pé porque tinha acabado de tirar o gesso! Ainda fui à junta a ver se me safava, mas mandaram-me para Angola e fui sempre operacional. Tive sorte, como era artilheiro nunca andei a pé. E, entretanto, casei-me.

ANA MENDES Conheceu a sua mulher lá ou cá?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Conheci a minha mulher no termo do cortejo da Queima das Fitas de 1961. Fiz todo o cortejo de braço dado com uma colega que tinha vindo de Lisboa, no contexto das chamadas “migrações académicas”. Naquela altura, havia duas migrações para Coimbra. No terceiro ano havia migração provinda do Porto para fugir da Mecânica Racional. No quarto havia para fugir de Mecânica Celeste em Lisboa.



José Vitória e Isabel Vitória, Nampula, janeiro de 1977

ANA MENDES Ou seja, como não conseguiam fazer nas suas faculdades vinham tentar fazer em Coimbra...

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Os professores daqui não gostavam nada disso e então faziam de tudo para dar cabo dos que vinham do Porto e de Lisboa. Ora num desses grupos de raparigas “migrantes” vinha uma pequenita que usava uma saia mais curta do que as nossas colegas de cá! Essa colega simpatiza comigo, nunca chegámos a namorar porque eu era demasiado tímido e bisonho. A tal colega “perdi-a” no final do cortejo. No parque da cidade, onde terminava o cortejo, estava o pessoal da minha república. Foi aí, apesar de não me lembrar muito bem, que conheci a minha mulher, a Isabel. Voltei a revê-la num casamento de um amigo em setembro. Fruto desse encontro acabámos por nos casar, em 1963. Eu pensava que já não ia para a guerra porque o novo curso começava em agosto e em maio eu tinha cinquenta e tal camaradas atrás de mim, fiquei bem classificado na parte militar. Os primeiros a ir eram os mais mal classificados. A certa altura, chamaram quarenta e tal para outra especialidade. Fiquei desprotegido e pronto. Lá fui!

ANA MENDES E a sua mulher ficou cá?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Não. Ela, em 1964, foi ter comigo. Tinha 20 anos.

ANA MENDES Foram para Luanda, mas acabaram por ir para Moçambique?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Estivemos uns meses em Luanda e lá fizemos o cachopo! Então chegou uma altura em que eu disse: tens de te ir embora porque eu vou para o mato. Mas aquilo na tropa muda muito depressa. Pensava que ela tinha ainda um mês para partir, mas no dia a seguir mandaram-me para outro sítio. Ela regressou e só vi, pela primeira vez, o meu cachopo já ele tinha uns 7 ou 8 meses.

Entretanto, em junho de 65, antes de sair da tropa, escrevi a Graciano de Oliveira, que estava em Moçambique, e a Luís Albuquerque, em Coimbra, para ver o que se podia arranjar.

ANA MENDES O Professor Graciano de Oliveira estava em Moçambique por opção ou por...

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Graciano tinha sido mobili-

zado para a tropa em Moçambique e dizia que lá as condições eram boas. Pagavam 12 contos, incluindo a renda de casa. Luís Albuquerque dizia que andavam há muito à minha procura, mas só pagavam três contos. Escrevi à minha mulher, que já cá estava em Portugal, a explicar, e lá fomos para Moçambique ter com o Graciano de Oliveira, em 1966.

ANA MENDES E começou a fazer o doutoramento lá?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA A gente na altura fazia o que queria. Quando lá cheguei, o único matemático ativo era o Graciano. Já Renato Pereira Coelho estudava os livros, mas não fazia investigação. Era outra escola. O Graciano era o único que queria fazer investigação. Então o Graciano disse-me: “Tens aqui o problema de ‘matrizes de blocos comutativos.’” Fiz metade da carreira à custa dos blocos comutativos e ainda hoje faço!

Parti de Moçambique com destino a Oxford, para trabalhar no laboratório de Fox. Quando cheguei a Coimbra, e depois de falar com a Fernanda Aragão Oliveira, acabada de vir de Oxford, decidi ir para Grenoble. Meti-me a caminho de Grenoble sem pedir autorização a ninguém, nem ao diretor, nem à Fundação Gulbenkian, da qual era bolsheiro. Isto hoje era impossível!!!

ANA MENDES Foi para Grenoble sem conhecer ninguém?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Já tinha trocado umas cartas com eles. Cheguei a Grenoble depois de duas noites de comboio, com barba grande. Às oito da manhã fui logo falar com o diretor do departamento, Kuntzman. Uma argentina chamada Vitória serviu de tradutora. Ele perguntou-me: “Quer fazer máquina ou matemática?” Eu nunca tinha visto máquina nenhuma. Eu queria fazer umas contitas. Então ele passou-me para o “andar de cima”, para Gastinel. Ele olhou para mim e, porque ia todo moreno, pensou sempre que eu era das Antilhas. Disse-me para estudar na *Computing Reviews* os últimos cinco anos de trabalhos em análise numérica. Eu voltei lá com um grande ficheiro e Gastinel deu-me um artigo de Householder sobre normas de matrizes. Esta foi, praticamente, toda a orientação que tive até hoje... Iniciei, em Grenoble, o estudo das normas de matrizes cujo valor é uma matriz não negativa, com as quais fiz a outra metade da minha carreira e que ainda hoje usamos. Fiz tudo sozinho!



José Vitória, Isabel Vitória, Manuela Sobral, José Sobral, Fátima Leite, João David Vieira.
Jantar do Congresso do Grupo de Matemáticos de Expressão Latina (GMEL)
Coimbra, 9 de setembro de 1985

ANA MENDES No fundo, trabalhou a sua carreira como quis. Foi sempre fazendo coisas de que gostava?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Sim, mas sempre com alguma insegurança porque não é fácil ser um autodidata. Na altura, trabalhar sozinho era a norma e era uma angústia. Só na década de 1990 é que isso mudou e o trabalho em equipas despoletou. E essa mudança aconteceu porque éramos criticados quando íamos lá fora, pelos nossos pares, por trabalharmos sozinhos e só entre portugueses. Estávamos muito isolados!

ANA MENDES Poderia dizer-se que o seu percurso é incrível nesse aspeto.

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA O paradigma é a pessoa sobrevoar vários assuntos. Eu tenho na minha cabeça dezenas de teoremas que nunca usei na vida. Estudei Otimização, Análise Funcional, Topologia, Análise Numérica... tudo sozinho. Na altura eu não tinha capacidade para perceber que nos livros está tudo explicadinho. Ganhei, contudo, muita flexibilidade a fazer as demons-

trações. E depois fiz-me de esperto. Pedia para lecionar cadeiras que eu nunca tinha dado para me obrigar a estudar. Porque de outra maneira não tinha tempo.

ANA MENDES O que acha do ensino da matemática na atualidade?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Eu neste momento não tenho a noção. Com esta coisa da avaliação, a gente é pontuada pelos alunos. Já vinha habituado a isso na Covilhã, onde também lecionei. Mas não sabia ler aquilo. Em geral, tinha muito boas classificações na exposição, na disponibilidade, em tudo... menos no que respeita aos métodos de avaliação que utilizava.

ANA MENDES Pois, quando entrei aqui em Coimbra como estudante as suas orais eram famosíssimas, ou seja, toda a gente tinha pânico de ter orais com o professor Vitória!

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Sem razão, porque só ia à oral quem estava praticamente aprovado e também nun-

ca reprovou ninguém na oral. Mas é certo que obrigava os estudantes a mais uma semana de leituras e atenção! No primeiro ano temos de acarinhar os estudantes, mas ser simultaneamente exigentes.

ANA MENDES Como conseguia conciliar a carreira científica com as muitas tarefas burocráticas que também assumiu?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Não se podia. Tinha aulas com muitos estudantes e eu nas aulas era muito cuidadoso e sempre dei muita assistência aos alunos no gabinete. Eu nunca mandei embora um aluno. Às vezes, iam lá alunos que perguntavam coisas que estavam já no exame e eu respondia-lhes tudo certinho. Se o rapaz tinha aquela curiosidade, porque é que não havia de lhe explicar? Mas eram as aulas que me consumiam muito... Desgastavam-me muito. Além disso, tinha muitas tarefas administrativas. Por isso é que sou mais produtivo cientificamente agora.

ANA MENDES Chegou a ser diretor no Departamento de Matemática na Universidade de Coimbra?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Várias vezes e também diretor da Faculdade de Ciências e Tecnologia. E fui eleito para muitas outras coisas. Fui várias vezes presidente da Assembleia de Representantes e até fui membro da direção da SPM no mandato de João dos Santos Guerreiro.

ANA MENDES Na altura o reitor era...?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Rui Alarcão. Quando fui para a Assembleia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, tomei uma posição clara sobre a minha discordância como estava organizada. Demasiado peso dos estudantes. Sempre fui frontal. Como as eleições para o departamento eram por nomes e não por listas, acabei eleito presidente. Ou seja, os estudantes consideravam-me de confiança.

Entretanto, mudaram os regulamentos. Antigamente quando acontecia a eleição do reitor, estava toda a academia mobilizada. Atualmente ninguém repara em nada. É triste!

ANA MENDES É verdade, este RJIES tem de ser modificado.

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Sim. Tem de ser dar mais peso aos órgãos colegiais.

ANA MENDES Podemos considerar que essa tomada de posição revela a sua veia política?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Na nossa terra eu era republicano porque o meu pai também era. E em Alvega celebrava-se à meia-noite e meio às escondidas o dia 5 de Outubro. Atrava-se um foguete e fugia-se para casa a correr. De maneira que eu cheguei a Coimbra com a bandeira da República, no emblema da lapela. Houve no Departamento quem me aconselhasse a tirar. Na altura diria que além dos republicanos, havia outras duas "correntes" a disputar espaço em Coimbra, os monárquicos e a Opus Dei. Em Coimbra, na época, quem espalhou a Opus Dei foi um tal Martinez espanhol, das Químicas. O monárquico mais velho mais conhecido era Costa Lobo. Os monárquicos no departamento eram, na altura, os Pacheco de Amorim pai (Diogo) e o filho (José). Poderia dizer-se que durante a crise académica a veia política desabrochou e que depois da tropa comecei a ler textos marxistas. Antes do 25 Abril a questão colonial assombrava-me. E o meu grande sonho era que ela se resolvesse. Tive em Moçambique alguma atividade que se podia chamar política, mas sempre enquadrada pela atividade universitária. Participei numa grande assembleia na Faculdade de Medicina, aberta a toda a população, não só à academia. Fiz uma intervenção polémica e depois "apaguei". Não me lembro como cheguei a casa. Trinta e tal anos mais tarde, um antigo aluno moçambicano, Lorena, disse-me que, após a minha intervenção, os alunos rodearam-me e retiraram-me da sala. Estava próximo da saída e penso que os Pides que lá estavam não conseguiram identificar quem falou.

Quando comecei a sentir que a minha ação podia extravasos os muros da universidade, saí, já tinha 30 e tal anos.

Em 1973, a PIDE fechou a Associação Académica e desterrou para norte de Moçambique alguns dirigentes associativos. Umhas dezenas de assistentes protestaram em abaixo-assinado dirigido aos ministros da Educação e do Ultramar. O reitor moveu-nos um processo disciplinar. Alguns de nós fomos chamados à Reitoria para explicar a nossa ação. Só soube do processo disciplinar quando li a História da Associação Académica de Moçambique, publicada em 2016. Nunca fui inquirido nesse processo. Por curiosidade, consultei os ficheiros na Torre do Tombo e soube, então, que integrava uma lista dos

Democratas de Moçambique. A lista era encabeçada por Almeida Santos, a seguir vinha eu e a minha mulher, imagine!

ANA MENDES Sei que visitou a Coreia do Norte. Pode contar-me um pouco dessa estada?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Estive na Coreia do Norte, em 1982. Luís Albuquerque conhecera um coreano a quem disse que na costa da Coreia havia um navio português naufragado. Tal informação gerou um grande interesse e organizaram-se reuniões. Numa delas, estavam dois coreanos que consideraram que eu sabia muito de Ciência Política. E convidaram-me. E eu fui. Aquilo parecia um colégio interno, rodeado de arame farpado! Passei lá três semanas em discussões muito sérias. Estavam dinamarqueses, nepaleses, egípcios, ganeses, etc.. Para cada grupo estavam designados um professor e um tradutor. Como só eu comunicava em francês, tinha à minha disposição um Volvo, um chauffeur, um professor e um tradutor. Trabalhou-se à séria.

Sobre o povo, com quem nunca falei porque nunca me deixaram, vive mal, com fome, e com uma pressão sobre as pessoas muito grande. Os altifalantes estavam sempre a divulgar propaganda para doutrinar o povo. Quer na cidade quer nos campos de trabalho. Quando nos aproximamos da zona desmilitarizada que separa as duas fronteiras, percebe-se que é realmente perigosa. Há armamento dos dois lados. Sente-se muita tensão.

ANA MENDES Curiosidades pessoais. O Professor Vitória, desde que o conheço, tem um ar muito jovem. Qual é o seu segredo? Tem alguns cuidados especiais?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Eu sempre comi de tudo. Bebia vinho em algumas refeições e era relativamente frugal. Eu tinha alguns projetos e tinha ações integradas como as luso-espanholas, recebia muita gente... Ou recebia-os em casa, onde a minha mulher os tratava maravilhosamente, ou levava-os ao leitão, entre outras coisas. E então aí comia e bebia bem. Os outros olhavam para mim e questionavam: “Como é que come e bebe tanto e está assim?!”. E eu dizia: “Eu faço isto uma vez por semestre mas não todos os semestres!”

ANA MENDES Depois de se aposentar, tornou-se muito ativo cientificamente. Conte-nos um pouco do seu trabalho atual.

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Ao contrário de outros colegas meus, eu não tinha nenhuma capacidade especial, como pintar, tocar um instrumento ou fazer poesia. Minto, interesse-me por poesia e filosofia. Como não sei fazer mais nada e não tenho paciência para matemática “recreativa”, vou pensando em problemas. Exponho o problema a alguns colegas, que me ajudam a formulá-lo e a resolvê-lo. Trabalhamos em equipa e a submissão dos artigos para publicação é feita pelos colegas. Em 2021, conseguimos publicar três artigos!

ANA MENDES E o que sente nesta fase da vida? Há algum problema matemático, por exemplo um dos Desafios do Milénio, que gostaria de resolver?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Neste momento, da forma como está a avaliação do ensino português, ninguém se atreve a abraçar problemas matemáticos difíceis e que levem anos a resolver. A avaliação é impeditiva de grandes sonhos investigativos, a longo prazo. E, hoje, sem uma equipa ninguém vai a lado nenhum.

ANA MENDES Que conselho deixa para os mais jovens?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA Que é conveniente trabalhar em equipa e que isso exige muita humildade de cada um. É importante ter a capacidade de admitir as suas fraquezas. Esse é o benefício que a minha idade me dá. Não tenho problemas em admitir o que não sei!

ANA MENDES Para terminar, o que é o move?

PROFESSOR JOSÉ VITÓRIA O trabalho. A minha inspiração é trabalhar.

SOBRE A AUTORA

Ana Mendes é professora do Politécnico de Leiria, Escola Superior de Tecnologia e Gestão (ESTG), Doutora em Matemática e investigadora em problemas de classificação de lesões melanocíticas. É elemento do Conselho Fiscal da Sociedade Portuguesa de Matemática e é coordenadora das atividades do Ginásio Matemático da ESTG.